

Letramentos, mídias e linguagens

Ana Márcia Santos Honorato da Silvaⁱ

Geam Karlo Gomesⁱⁱ

RESENHA

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. *Letramentos, mídias e linguagens*. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

É perceptível o relevante papel social que as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) exercem no nosso dia a dia. Em *Letramentos, mídias e linguagens*, publicado em 2019, Roxane Rojo e Eduardo Moura apresentam como as diferentes linguagens fazem-se necessárias para a ampliação das práticas de letramentos através da interação e da conexão promovidas pelas mídias com o uso de diferentes tecnologias digitais.

Rojo possui vasta experiência na área de Linguística Aplicada. Especializou-se em temas como (multi)letramentos, gêneros do discurso, ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, avaliação e elaboração de materiais didáticos. Já Moura é um importante pesquisador de sequências didáticas, oficinas de leituras e formação de professores. Em conjunto, ambos trabalharam os Novos e Multiletramentos com o intuito de perfazer, na obra, conceituações e reflexões sobre as mídias, os textos multimodais e multissemióticos, letramentos/multiletramentos e novos letramentos no contexto das TDICs.

A obra assume um valor significativo para os autores, pois a consideram polifônica, construída por vozes de colegas, leitores, estudantes de graduação e autores renomados na área. É, assim, um trabalho que corresponde às pesquisas e reflexões dos últimos três anos a partir de um vasto arcabouço teórico.

ⁱ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinas (PPG-FPPI) pela Universidade de Pernambuco (UPE).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1800-8225> | anamsanto02@gmail.com

ⁱⁱ Professor do Programa de Pós-Graduação em Culturas Africanas, da Diáspora e dos Povos Indígenas - PROCADI e do Mestrado Profissional em Rede - PROFLETRAS, ambos da UPE. Líder do ITESI - Grupo de Pesquisa Itinerários Interdisciplinares em Estudos Sobre o Imaginário, Linguagens e Culturas (CNPq/UPE).

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9569-1497> | geam.k@upe.br

Além disso, há uma hipermídia navegável a partir dos QR-Codes, dando acesso aos materiais que complementam cada capítulo. Trata-se de um material diferenciado e atualizado com perspectiva hipermidiática, unindo o impresso e o virtual. O desejo dos autores é que o livro permita não só o aprendizado, mas também uma navegação instigante.

Subdividida em seis capítulos, a obra apresenta uma diagramação repleta de ilustrações que contribuem para a compreensão dos textos, com *links* e notas de rodapé. O intuito dos autores é oferecer um panorama conceitual sólido.

Na primeira parte, há dois capítulos. O primeiro, denominado “Letramentos”, conta com três seções que se correlacionam: “Letramentos da escrita e do impresso”; “Multiletramentos” e “Novos Letramentos”. Aqui, eles discorrem sobre os letramentos, termo considerado flexível por ter passado por inúmeras mudanças desde a década de 1990. A percepção é a de que o texto escrito/impresso, com o advento das tecnologias, apresenta-se digitalmente reconfigurado em virtude das inúmeras mudanças no campo midiático.

Os autores traçam ainda um percurso histórico para que o leitor compreenda as discussões posteriores. Em “Letramentos da escrita e do impresso”, tem-se o conceito de alfabetização e como ela é vista em alguns contextos. Considerando o conceito da biblioteca virtual – Wikipédia –, em que a alfabetização é compreendida como a habilidade de ler e de escrever a partir de um código comunicativo, Rojo e Moura chamam atenção para a expansão desse conceito, quando a mesma biblioteca apresenta, além dessa compreensão, a capacidade de interpretação, de crítica, de ressignificação e produção de conhecimento. Eles pontuam que, se a alfabetização de fato fosse apresentada por esse viés, não haveria necessidade do surgimento de termos como: (an)alfabetismo funcional, semianalfabetismo ou letramento.

Nessa perspectiva, é possível encontrar um redesenho histórico do processo de alfabetização e letramento traçado pelos autores a partir de Street (1984), Kato (1986), Kleiman (1995) e Soares (2003), pontuando a necessidade da inserção de práticas letradas para o exercício da cidadania. Todavia, segundo Rojo e Moura, essas práticas letradas valorizadas (acesso aos museus, cinemas, livros literários, etc.) não são democráticas, daí a relevância das escolas tornarem-se agências de democratização dos letramentos.

Na segunda seção, o conceito de multiletramentos é alicerçado nos preceitos do NLG (1996)¹, que reforça a necessidade de atuações e interlocuções com as práticas escolares multifacetadas e multirreferenciais, levando em consideração a multiplicidade de culturas e a diversidade linguística existente na sociedade.

Nessa compreensão, inserem-se os Novos (multi)Letramentos a partir dos estudos de Lankshear e Knobel² na terceira seção, que constituem uma amplitude do entendimento que considera os aspectos socioideológicos concernentes às práticas sociais de leitura, tendo em vista o surgimento das novas tecnologias digitais. Essa concepção ancora-se na premissa de que o avanço tecnológico e dos novos formatos de comunicação – novos textos, novas mídias surgem, os novos letramentos – configura um novo modo social do Ser, um novo *ethos*, ou seja, uma mentalidade 2.0, que exige maiores participação, colaboração e distribuição, maximizando relações, diálogos, redes e dispersões, inaugurando uma cultura do remix e da hibridização. Um documentário do ciberativista Aaron Swartz finaliza o capítulo ilustrando o novo *ethos* reconfigurado pelos novos letramentos.

No segundo capítulo, “Mídias”, há quatro seções que dialogam entre si: “Mídias como meio de comunicação”; “Mídias e modos”; “Mídias, multimídia, hipermídia”, e “Um mundo transmídia”. Nesse capítulo, os autores conceituam o termo mídia com a compreensão de que ele se estende ao meio jornalístico, à imprensa e aos meios de comunicação. Enfim, eles discutem como as novas TDICs (as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação) alteram a relação entre as várias mídias.

Rojo e Moura (2019), a partir dessas proposições ratificam ainda que “a cultura das mídias é um momento em que o consumidor passa a ter alguma escolha, momento em que pode passar a montar suas próprias ‘coleções’, como declara Garcia-Canclini” (ROJO & MOURA, 2019, p. 34) Dessa forma, as culturas das mídias são caracterizadas pelo momento presente como passageiras e estão entre as culturas de massa e a cultura digital, no entanto, a cibercultura ou a cultura virtual, apresenta-se como a cultura do acesso.

Nesse ínterim, os pesquisadores dialogam com Henry Jekin (2006) ao afirmar que todas as culturas preconizadas por Santaella (2003), a cultura do oral, da escrita, do impresso, de massas, das mídias e a cibercultura vão viabilizar e preparar a sociedade para uma cultura da convergência, ou seja, o encontro dos meios de comunicação de

forma interativa e coletiva em um contexto caracterizado por um mundo transmídia. Os autores apresentam ao final uma demonstração da transmídia por meio da publicidade, em que as diferentes mídias e linguagens misturam-se e criam novos discursos e gêneros híbridos.

Na segunda parte, “Linguagens”, há quatro capítulos: “A imagem estática”; “A imagem dinâmica”; “O som”, e “O verbo”.

O capítulo 3 é composto por cinco seções: “Arquitetônicas e sistemas semióticos tipológicos e topológicos”; “Os três paradigmas da imagem estática: pré-fotográfico, fotográfico, pós-fotográfico”; “Do pré-fotográfico à fotografia: a imagem *ex machina*”; “Do fotográfico ao pós-fotográfico: do tratamento digital das imagens”, e “Fazendo gênero: *Photoshop*, renderização e a estética IA”. Nele, Rojo e Moura (2019) apresentam a imagem estática a partir da sociossemiótica de Kress em consonância com a gramática sistêmico-funcional de Holiday. Os autores não abordam o tema a partir das questões relativas aos multiletramentos ou à multissemiose dos textos; para isso, buscam aporte teórico no Círculo Bakhtiniano. Assim, ao trazer a forma do conteúdo como concebe Bakhtin (1981), determinante da forma composicional, eles apresentam uma perspectiva teórica que viabiliza a compreensão significativa da noção de “arquitetônica” voltada aos estudos da leitura de textos verbo-visuais e suas semioses. Esse entendimento permite compreender, em capítulos subsequentes da obra, os sistemas semióticos (tipológicas e topológicas) que envolvem a composição arquitetônica em diferentes linguagens (a língua) sobre outros sistemas (o som, a imagem).

Os autores finalizam o capítulo com a seção “Fazendo gênero: *Photoshop*, renderização e estética IA”, em que, partindo da compreensão de Manovich (2006), a fotografia pode ser entendida como “matéria-prima”: elemento gráfico facilmente reconfortável, manipulável, recombinaível. Dessa forma, todos os gêneros *photoshop*, renderização e estética IA (Integração Artificial) são concebidos a partir da perspectiva de uma composição artística a partir da mídia tecnológica e da possibilidade crítica e influenciadora dos comportamentos na sociedade. Um documentário do fotógrafo Sebastião Salgado sobre as artes visuais e a fotografia fecha de forma ilustrativa esse capítulo.

A partir de quatro seções: “Os três paradigmas da imagem dinâmica: pré-cinematográfico, cinematográfico”; “Do pré-cinematográfico ao cinema: entre o

espetáculo e a montagem”; “Do cinematográfico ao pós-cinematográfico: a metamídia”, e “Fazendo gênero: *Fans Vids* e AMV – entre a cultura de fãs e a cultura *otaku*”, o capítulo 4, “A imagem dinâmica”, perfaz uma abordagem a partir dos paradigmas: pré-cinematográfico, cinematográfico, pós-cinematográfico.

O percurso de Rojo e Moura (2019) vai desde o cinema à cultura de fãs preconizada na contemporaneidade. Para os autores, nos dias atuais, os fãs utilizam-se cada vez mais da criatividade no tocante às novas mídias em suas produções culturais para alcançarem maior visibilidade. A cultura de fãs postula diversos bens simbólicos advindos da cultura de massa, surgindo, assim, os gêneros *fanzine*, *fan* filmes, *fanart*, *fanfiction*, etc., com uma apresentação dinâmica, rápida e coletiva com as mutações da cultura digital. Com a ilustração do trailer de *Flash Gordon*, Rojo e Moura (2019) pretendem demonstrar um material novo (remixado) através de um projeto arquitetônico amparado por temas e refrações ideológicas diversas finaliza esse capítulo.

O “Som” também é composto por quatro seções: “Os três paradigmas do som: modal, tonal e pós-tonal (ou serial)”; “Do modal para o tonal: perdem o ritmo?”; “O pós-tonal: o serial ou a música eletroacústica”, e “Fazendo gênero: *sampling*”. Nesse penúltimo capítulo, os autores apresentam os paradigmas do som a partir da base autoral do estudioso José Wisnik, que faz a abertura do capítulo com o documentário *Palavra (En)cantada*, de Helena Solberd (Radiante Filmes). Rojo e Moura afirmam que o propósito da escolha é tematizar o som, a música e trazer a importância da canção popular para a cultura brasileira. Apoiam-se em Wisnik (2004) para afirmar que a música e o futebol são metaforicamente comparados a venenos e remédios, pois “matam e salvam”. Ele enfatiza ainda que a música no Brasil, mais do que em outros lugares, é fundante do enraizamento e das mudanças culturais. Assim, os autores “bebem” dessa fonte considerando o som como o detentor das mobilizações socioculturais.

O capítulo ainda apresenta o *sampling*, um gênero caracterizado pela atualidade irmanada do público jovem e das pessoas de um modo geral, ligados a produtos culturais e ao consumo a partir da criação de uma nova estética por meio da combinação e recombinação de linguagens e semioses. Rojo e Moura finalizam o capítulo com um exemplo de *sampling* de Mark Ronson, em sua Ted Talk, que cria músicas a partir de vídeos.

No capítulo final, quatro seções discutem a linguagem verbal: “Os três paradigmas do texto: pré-tipográfico, tipográfico e pós-tipográfico”; “Do pré-tipográfico à tipografia: a escrita e o impresso”; “O texto pós-tipográfico: hipertexto, hipermídia, metamídia”, e “Fazendo gênero: Reportagem multimídia”. Nele, os autores apresentam que a linguagem verbal – falada ou escrita – mantém um vínculo com a ancestralidade: ideogramas, pictogramas, imagens para representações, aos gestos e mímicas.

A abordagem contempla desde a linha do tempo do pré-tipográfico à tipografia – o impresso – até sua reconfiguração do texto pós-tipográfico: hipertexto, hipermídia e metamídia. Sobre a reportagem hipermediática, por exemplo, são apresentados conceitos e exemplos, a fim de dialogar com a proposta apresentada. A obra fecha com uma reportagem hipermediática, enfatizando que mesmo sendo a linguagem verbal escrita privilegiada no espaço jornalístico, a mídia digital vem para revolucionar o modo hipermediático de apresentação, proporcionando a imersão do leitor.

A obra *Letramentos, Mídias, Linguagem* discute de forma considerável os fenômenos que envolvem os processos que movimentam e transformam a linguagem na sociedade, situando seus leitores em diversos contextos linguísticos imersos no grande sistema que leva em conta as práticas sociais, visualizadas nas mais diversas formas de expressão, seja através da imagem estática, do texto, da fotografia ou do som. Sem dúvida, recomenda-se a obra para fins de estudo e aprofundamento de temas concernentes às linguagens, mídias e letramentos, pois traz relevantes contribuições a partir dos diversos autores que contribuem para a compreensão leitora de todos esses fenômenos. Espera-se que Roxane Rojo e Eduardo Moura continuem seus estudos acerca desses temas, ampliando as discussões já encaminhadas.

Referências

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1981.

GRUPO DE NOVA LONDRES. A Pedagogy of Multiliteracies: Designing Social Futures. In COPE, B.; KALANTZIS, M. (Ed.). *Multiliteracies: literacy learning and the design of social futures*. Routledge: Psychology Press, 1996.

JENKINS, Henry. *Convergence culture: where old and new media collide*. New York: New York University, 2006a.

- JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. 2.ed. – São Paulo: Aleph, 2009.
- KATO, Mary. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.
- KNOBEL, Michele; LANKSHEAR, Colin (Eds.). *A New Literacies Sampler*. New York: Peter Lang, 2007.
- LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. Sampling “the New” in New Literacies. In: MANOVICH, Lev. *Import/Esport: Design Workflow and Contemporary Aesthetics*, 2006. Disponível em: <http://manovich.net/>. Acesso em: 31 de jul. de 2018.
- MANOVICH, Lev. *The language of new media*. Cambridge: The MIT Press, 2001.
- ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ROJO, Roxane. “Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola”. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. (orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- _____; BARBOSA, Jacqueline. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola, 2015.
- _____; MOURA, Eduardo. *Letramentos, mídias e linguagens*. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.
- SANTAELLA, Lucia. *Cultura das mídias*. 4a. ed. São Paulo: Experimento, 2003.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- STREET, Brian. V. *Literacy in Theory and Practice*. Cambridge: University Press, 1984.
- WISNIK, José Miguel. *O som e o sentido: Uma outra história das músicas*. SP: Cia das Letras, 2000[1989/1999].
- WISNIK, José Miguel. *Sem receita: ensaios e canções*. São Paulo: PubliFolha, 2004.

Recebido em: 27/07/2021

Aceito em: 18/08/2021

¹ NLG (New London Group): Grupo de pesquisadores ingleses, americanos e australianos que se reuniram, na cidade de Nova Londres (EUA), para discutir as mudanças, então recentes, que estavam sofrendo os textos e, decorrentemente, os letramentos. (ROJO & MOURA, 2019, p. 19)

² Cerca de uma década depois de cunhado o termo “multiletramentos” pelo NLG, outros pesquisadores voltam a sentir a necessidade de adjetivar os letramentos, desta vez, como “novos letramentos”. (KNOBEL & LANKSHEAR *apud* ROJO & MOURA, 2019, p. 25).